



As empresas produtoras de fortificantes terão que retirar o etanol (álcool etílico) das fórmulas dos seus produtos. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) publicou, no "Diário Oficial da União", edição do dia 20 de abril, a Resolução nº 543, com a determinação. O objetivo da medida, segundo a Anvisa, é eliminar a exposição de crianças ao eta-

Sem álcool

nol, substância presente em alguns estimulantes de apetite e crescimento, fortificantes, tônicos, complementos de ferro e fósforo.

A medida faz parte de uma ação coordenada que visa à revisão e à atualização dos registros dos produtos autorizados pelo Ministério da Saúde. Cerca de 20 de produtos fabricados, no Brasil, devem, a partir de 20 de abril, retirar o álcool etílico de sua composição nas linhas de produção. As empresas que tiverem interesse em manter o produto sem a substância, terão um prazo de 60 dias para solicitarem à Anvisa as alterações necessárias. As que não se manifestarem perderão automaticamente o registro do produto, depois desse prazo.

Os produtos que estão no comércio poderão ser vendidos, até que o estoque se esgote, mas a fabricação fica proibida, já a partir de 20 de abril. Não há evidência de que o álcool seja componente essencial na fórmula destes produtos. Segundo a Anvisa, sua presença, é "indesejável", pois expõe as crianças à substância.

As empresas que não cumprirem a determinação estarão sujeitas às penalidades da Lei 6.437/77, que prevê de notificação a multa de R\$ 2 mil a R\$ 200 mil.

Mais informações podem ser obtidas junto à "Agência Saúde" (assessoria de imprensa do Ministério da Saúde), pelos telefones (61) 448-1022 e 448-1301. O e-mail é <imprensa@anvisa.gov.br>

Adeus ao Biotônico Fontoura

Aluísio Pimenta
Membro da Academia Mineira de Letras,
ex-ministro da Cultura (Governo Sarney)
e ex-reitor da UFMG e da UEMG



Li, nos jornais, que o Serviço Nacional de Fiscalização do Ministério da Saúde proibiu a venda do Biotônico Fontoura. Conheci-o, há cerca de setenta anos, na farmácia de meu pai, em São Sebastião dos Pintos (MG), onde o vendíamos para os adultos como tônico ferruginoso, responsável pelo fornecimento de ferro necessário à reconstrução da hemoglobina devorada pelo *Ancilostomus duodenali*, produtor do mal da terra ou amarelão - naqueles tempos, um dos grandes problemas do Brasil. Agora, o quase centenário vinho ferruginoso morre "sem choro nem vela", como diria Noel Rosa.

É preciso ter vivido, no interior do País, na década de 1930, para reconhecer o bem que o Biotônico Fontoura fez aos candidatos a "lobisomem", que enchiam de terror a meninada da minha região. Não quero contestar a decisão do Ministro José Serra e de seus colaboradores. O que levanto, aqui, são fatos que marcaram a história da Farmácia e da saúde, no Brasil. Na minha opinião, a "morte" do Biotônico Fontoura merece uma distinção especial, pois ele foi fundamental em um período em que o abandono e a falta de apoio à educação e à saúde eram totais e nem mesmo as trustes da indústria farmacêutica se interessavam em fabricar remédios em terras brasileiras.

Naquela época, eram comuns as mortes de parturientes pela febre puerperal e de um número excessivo de crianças com menos de um ano. Mas a grave epidemia que atacava a população era a ancilostomíase, tão bem caracterizada por Monteiro Lobato no "Almanaque do Jeca Tatu", editado pelo Laboratório Fontoura. Aliás, se o Ministério da Saúde já existisse, com certeza, Lobato seria o nosso Ministro, pois se comportava como tal. Ele ensinava ao povo brasileiro, em palavras simples, como ocorria o ciclo do mal da terra, o ama-

relão. Através do Jeca Tatu explicava que os ovos do ancilóstomo eram depositados no solo junto com as fezes, pois, naqueles tempos, as touceiras de banana serviam de instalações sanitárias.

Uma vez no solo, os ovos produziam as larvas que penetravam nas solas dos pés, já que mais de 90% da população andava descalça. As larvas caíam na circulação; desenvolviam-se; fixavam-se nas paredes intestinais, onde parasitavam a he-

moglobina do sangue e botavam novos ovos que eram expelidos pelas fezes. O ciclo estava completo.

A tríade do combate ao amarelão era "necatorina-butina-latrina" - título do artigo que escrevi para comemorar o centenário de Monteiro Lobato. A botina, normalmente de couro cru e fabricada de modo artesanal, impedia que as larvas do ancilóstomo penetrassem na sola dos pés. As latrinas evitavam um novo contágio. A Necatorina Fontoura atacava os vermes intestinais.

Como disse, anteriormente, este tipo de moléstia tropical não despertava o interesse dos laboratórios internacionais. Era a incipiente indústria brasileira que enfrentava a produção de medicamentos para as necessidades de nossa gente, sem o menor apoio dos poderes públicos. Por isso, durante o meu reitorado na UFMG e como professor da Faculdade de Farmácia, fizemos um convênio com o Sindicato da Indústria Farmacêutica de Minas Gerais, visando a possibilitar o controle das matérias-primas dos nossos produtos farmacêuticos.

É com saudades que recordo do Laboratório Fontoura e do farmacêutico Cândido Fontoura, seu fundador, que sempre prestigiava os formandos em Farmácia, patrocinando a ida da turma a São Paulo, onde visitávamos a indústria e éramos recebidos em um almoço. O aperitivo, como não poderia deixar de ser, era um cálice de Biotônico Fontoura. Por esta e pelas razões já expostas, não posso deixar, neste instante em que morre de "morte-matada", como dizem os "jecas-tatu", de prestar minhas últimas homenagens ao velho Biotônico Fontoura.

Contatos com o professor Aluísio Pimenta podem ser feitos pelo e-mail <apimenta@newview.com.br>